

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

Sexualidade feminina e adolescência na obra “*E agora, mãe?*”, de
Isabel Vieira.

Mariane Christinne Miguel Moreira

2469
5.8
(N)

MARIANE CHRISTINNE MIGUEL MOREIRA

SEXUALIDADE FEMININA NA ADOLESCÊNCIA NA OBRA
“*E AGORA, MÃE?*”, DE ISABEL VIEIRA.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em História, do Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia, como
exigência parcial para a obtenção do título de
Bacharel em História, sob a orientação da Prof.^a
Maria Andrea Angelotti Carmo.

Uberlândia, Março de 2014

MARIANE CHRISTINNE MIGUEL MOREIRA

SEXUALIDADE FEMINIA E ADOLESCÊNCIA NA OBRA “*E AGORA, MÃE?*”, DE ISABEL VIEIRA.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Maria Andrea Angelotti – Orientadora

Prof.^a Daniela Magalhães da Silveira

Prof.^o Jean Luiz Neves Abreu

Dedicatória

Às minhas avós, que
sempre incentivaram os
netos a estudarem.

Agradecimentos

Por ser uma pessoa religiosa agradeço primeiramente á Deus por ter me dado força e coragem nos momentos em precisei e por ter colocado no meu caminho pessoas maravilhosas que me incentivaram e ajudaram quando precisei.

Á minha orientadora, Maria Andrea, pela paciência infinita, por ter aceitado me orientar e toda ajuda e incentivo concedido a mim.

Aos meus amigos que me acompanharam nessa caminhada, Jéssica, Synara, Adriana, Nairana, especialmente ao Alexandre pela constante companhia nas aulas e nas tardes na UFU (foram lindas, né?), pelo contínuo incentivo nos momentos de desânimo que não foram poucos, pela ajuda neste trabalho, pela amizade, por tudo.

Não esquecendo aqueles que trabalham no CDHIS, em especial ao Velso, à Aline e ao profº. Jean, obrigada pelas oportunidades de estágio, pelos ensinamentos, pela total confiança que depositaram em mim e no meu trabalho e pela ajuda nesse fim de curso. Eu sei que sempre posso contar com vocês e isso é impagável.

Ás amigas maravilhosas que fiz no CDHIS durante meus estágios, Kerley, Lara, Aline Vasconcellos, Nilmara, Mariana, Lohanne, Letícia Siabra, amei conhecer todas.

E aos meus pais, irmão e familiares, obrigada por simplesmente existirem e serem o meu porto seguro. Nossa família é tudo.

Sumário

Introdução.....	06
Capítulo 1 - Apresentação de conceitos base para análise da obra.....	09
1.1 Breve apresentação da Autora.....	09
1.2 Apontamentos sobre a relação entre História e Literatura.....	11
1.2.1 Apresentação da Editora.....	14
1.3 Considerações sobre a construção da noção de adolescência.....	17
1.4 Apresentação breve dos personagens.....	23
Capítulo 2 - Análise da obra: os desdobramentos da gravidez de Jana.....	26
2.1 A personagem Jana e os problemas enfrentados com a gravidez.....	26
2.2 Perspectiva da família: reação dos pais.....	32
2.3 Repercussão da gravidez no convívio social de Jana.....	36
Conclusão.....	39
Referências Bibliográficas.....	41

Introdução

Considerando a literatura como um importante documento histórico para e da compreensão e análise da sociedade, para a realização deste trabalho foi utilizada a obra *E agora, mãe?*, de Isabel Vieira, com 1ª edição de 1991 e 2ª edição de 2003, enquanto objeto de pesquisa.

A escolha desta obra está ligada a minha experiência enquanto aluna do Ensino Fundamental, provavelmente na antiga 7ª série, atual 8º ano, em uma escola confessional do Ensino Fundamental, da cidade de Uberlândia. É importante observar que este livro não estava entre aqueles que nós alunos, deveríamos ler, obrigatoriamente, nas aulas de português. Ele foi apresentado a mim por minha melhor amiga, Débora.

Por ter sido um livro que marcou a minha adolescência e por abordar temáticas que muito me instigam creio ser possível realizar um trabalho científico de análise desta obra.

Acredito ser importante citar que esta obra possui continuidade intitulada *E agora, filha?*¹, lançada em 2003, na qual o foco da história está em Gabriela, filha de Jana personagem principal do livro em análise neste trabalho, além dessa continuação e anterior a ela, Isabel Vieira, lançou junto com outros cinco autores um livro de contos intitulado *Enquanto meu amor não vem*². O conto escrito pela autora chama-se *Me preparando para te encontrar*, no qual faz referência ao livro em análise neste trabalho, e aos questionamentos das leitoras sobre ele.

Neste trabalho acredito ser mais pertinente não abordá-los, pois ficaria muito extenso e não daria a devida atenção às possibilidades de análise e às nuances que cada obra pode oferecer.

A relevância do livro “*E agora, mãe?*” para esta pesquisa se dá por abordar questões relacionadas com a sexualidade feminina na adolescência. Chama a atenção como esse tema foi abordado nessa obra e acredito que aí está o meu problema.

¹ VIEIRA, Isabel. *E agora, filha?*. São Paulo: Moderna, 1ª ed., 2003

² VIEIRA, Isabel et al.. *Enquanto meu amor não vem*. São Paulo: Saraiva, 1998

Pensando a maneira como a figura feminina está em maior destaque, como parece ser um problema maior a sexualidade, o corpo da garota. Esse foi o maior incômodo dentre as possibilidades de reflexão e questionamento que a obra oferece.

É duro acompanhar tudo o que ela passou sem a companhia e apoio do namorado e da família dele. E pior do que isso é ver como praticamente todos se comportam e acreditam que tudo que aconteceu foi culpa dela. A sexualidade, o corpo, o comportamento da mulher, são tidos muito mais como problema do que em relação ao homem.

A autora por ter trabalhado em revistas voltadas para o segmento feminino, tanto para adultos quanto adolescentes, dentre outros segmentos de publicação se impressionava com a quantidade de meninas que ficavam grávidas, na década de 1980. No ano de 1984, por exemplo, a quantidade de nascidos vivos de mães com idade menor que 15 anos, segundo dados do IBGE, são de 5.192, aqueles nascidos de mães com idade entre 15 e 19 anos são de 349.591³. Esse número até o ano de 2002 com algumas variações entre um ano e outro para mais ou para menos, não ficou abaixo da quantidade registrada em 1984, que são de 18.370 de mães com menos de 15 anos e de 517.800 de mães entre 15 e 19 anos.

Partindo dessa experiência profissional e do impacto que teve com esses números tão expressivos, a autora resolveu escrever *E agora, mãe?*.

Pensando por um momento na gravidez e principalmente no exercício da maternidade (lembrado que um não determina o outro), vigora uma ideia geral em relação a essa função social das mulheres na qual devem ser boas mães, função essa em que, aparentemente, o sacrifício para exercê-la é uma premissa, afinal nada pode estar acima dos filhos.

Tomando essa ideia do ser mãe como construção social e não algo natural relacionado ao gênero, AZEVEDO e ARRAIS⁴ refletem sobre o que chamam de o mio

³ Fonte: IBGE – Estatísticas do Registro Civil. Acesso: 20/11/2013. Endereço: <http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=1&vcodigo=RC64&t=nascidos-vivos-ocorridos-registrados-ano-grupos>

⁴ AZEVEDO, Kátia Rosa e ARRAIS, Alessandra da Rocha. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2006, vol.19, n.2, pp. 269-276. ISSN 0102-7972. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000200013>.

da “mãe perfeita” em que recaia sobre a mulher os cuidados dos filhos, a amamentação e a criação, e não deixa-los aos cuidados de outros, noção essa que se torna mais clara a partir do século XVIII, com Rousseau.

Para a realização da análise do livro dividimos este trabalho da seguinte forma. No capítulo 1 há uma rápida apresentação da autora em que é apresentada uma parte da trajetória profissional que a influenciou a escrever o livro analisado. Possui também uma breve apresentação da editora e do grupo ao qual pertence e do poder editorial o segmento da educação utilizando como referência a tese de Célia C.F. Cassiano.

Ainda no primeiro capítulo apresento rapidamente discussão entre história e literatura de forma a auxiliar a análise que será realizada neste trabalho de conclusão de curso. Para tal é utilizada para tal reflexão as autoras Sandra Jatahy Pesavento e Maria do Rosário C. Peixoto que discutem a possibilidade de uso da literatura enquanto fonte histórica, ou seja, a literatura não mais é considerada como mera imaginação com algo construído sem ponto de partida, sem contar com as referências e experiências e seu autor.

Apresento também uma breve discussão a respeito do conceito de adolescência utilizando autores como Contardo Calligaris, Eloisa Grossman dentre outros, e que procuro mostrar como essa noção de adolescência que conhecemos hoje não é algo natural e sim uma construção sociocultural, em que fica mais claro o aparecimento dessa fase da vida moderna a partir do século XVIII.

Para fechar o primeiro capítulo apresento os principais personagens da obra “E agora, mãe?”.

No segundo capítulo será realizada a análise da obra com base na temática proposta, sexualidade feminina na adolescência. Para que tal objetivo seja possível utilizo os autores Guacira L. Louro, Tânia Ribeiro Catharino e Karen Giffin entre outros para refletir a cerca do que nossa sociedade espera ser um comportamento feminino adequado.

Capítulo 1 – Apresentação de conceitos base para análise da obra

1.1 Breve apresentação da autora

A escritora de literatura juvenil, Isabel Vieira, nasceu em Santos e passou a infância e a adolescência em Campinas. Desde cedo esteve de alguma forma envolvida com a escrita. “Com 13 anos, era repórter de uma revista infanto-juvenil feita por estudantes campineiros, chamada Nosso Cantinho. Dos 15 aos 17 anos, colaborei no jornal Diário do Povo, de Campinas, com reportagens e crônicas.”⁵

Mudou-se para São Paulo onde formou-se em Letras na PUC e em Jornalismo na FIAM (Faculdades Integradas Alcântara Machado).

Como jornalista trabalhou em algumas publicações e revistas nas quais deve-se destacar *Claudia* e *Capricho*, em que escrevia para garotas de 13 a 18 anos. Também exerceu a função de editora de comportamento e redatora-chefe, onde mergulhou “no universo juvenil que se tornou parte do meu cotidiano em casa e na redação”⁶. Nesse momento a autora possuía 3 filhas entrando na fase da adolescência.

O tema da gravidez na adolescência, abordado pela autora no livro analisado (*E agora, mãe?*, 1991), surge da experiência profissional dela na *Capricho* como “editora de comportamento e redatora-chefe da primeira revista feminina do Brasil, lançada nos anos 1950.”⁷ que espantava-se com o número de jovens que engravidavam mesmo com quantidade de informações disponíveis e de fácil acesso naquele momento (década de 1980) ao contrário da época em que ela era adolescente. Assim, como afirma Borges⁸: “O literato não cria nada a partir do nada. Não se faz literatura sem contato com a sociedade, a cultura, a história.”

⁵ Biografia Isabel Vieira. Acesso em: 11/01/2012. Endereço: <http://isabelvieira.com.br/internas/biografia.php>

⁶ VIEIRA, Isabel. *E agora, mãe?*. São Paulo: Editora Moderna, 2003, 2ª edição, p. 126

⁷ Jornalismo - Vida Profissional. Acesso: 14/06/2012. Endereço: http://www.isabelvieira.com.br/internas/jornalismo_vidaprof.php

⁸ BORGES, Valdeci Rezende. *História e Literatura: Algumas Considerações*. Acesso em: 10/11/2013. Endereço: http://www.historia.ufg.br/uploads/114/original_ARTIGO%205_BORGES.pdf?1325259086

Portanto, do repertório de experiências pessoais e as de pessoas próximas, bem como dos valores de criação que teve e que estavam se modificando, dando novos significados, a autora constrói sua narrativa dialogando com o seu tempo, com as ideias e valores postos, os sujeitos históricos e suas práticas. Pois como afirma Cândido (apud, Borges, 2013): “à criatividade, a imaginação e a originalidade, partem das condições reais do tempo e do lugar, as quais ressaltamos, podem ser concretas ou não, da existência social e de suas experiências”.

1.2 Apontamentos sobre a relação entre História e Literatura

Hoje encontramos com mais facilidade pesquisas, estudos e reflexões acerca da relação entre história e literatura que nos indica como a literatura pode ser hoje objeto e fonte para a História e não mais/ou somente como diversão ou entretenimento.

Sabemos que durante muito tempo só era aceito como fonte de pesquisa no campo da História documentos que tivessem ligação direta com o real, com a realidade, ou seja, que neles tivessem contidos o ocorrido.

Dentro desta perspectiva a literatura que estava relegada ao campo da ficção, da fantasia, pelos historiadores, não poderia então ser utilizada como fonte para a pesquisa histórica.

O século XIX, com os positivistas, a História ganha o estatuto de ciência. Buscou-se afirmara cientificidade da História, pela valorização do documento que passou a ser considerado como prova histórica e, portanto, como garantia da objetividade do conhecimento histórico e de neutralidade do historiador.⁹

Dentro deste panorama a utilização da literatura como fonte para a escrita da História então não era viável, afinal para os historiadores da época ali não encontraríamos a realidade dos fatos ocorridos.

A ampliação do estudo das fontes-históricas e documentos, assim como, os questionamentos advindos das novas perspectivas teórico-metodológicas, que ampliam noções e conceitos importantes para análise historiográfica, permitindo a análise das experiências de outros sujeitos, a literatura se situa neste contexto como um importante objeto de estudo e compreensão da história da sociedade do seu tempo de produção e circulação.

⁹ PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Saberes e Sabores ou Conversas sobre História e Literatura. In: História e Perspectiva. Uberlândia: EDUFU, nº 45, jul./dez., 2011, p. 18.

Fazendo referência à essa oposição entre História e Literatura PEIXOTO cita Aristóteles:

Em sua Poética, Aristóteles opunha História e Poesia, hierarquizando-as do seguinte modo: de um lado, a História, que por tratar do acontecido, de verdades particulares não universais, era vista como inferior. De outro lado, a Poesia que tendo uma universalidade maior, falando de verdades possíveis e desejáveis, possuía alcance e profundidade maiores: era superior. Foi necessário um longo percurso para que a História incorporasse à sua investigação não só o acontecido, mas também os sonhos não realizados dos dissidentes e insurgentes e, portanto, o desejo de utopias.¹⁰

Com esses posicionamentos marcas do positivismo e do marxismo, ambos do século XIX, a História passa a ter como características uma objetividade determinante para a sua escrita seja para permanecermos relegados aos documentos (enquanto prova de algo ocorrido, afastando o historiador enquanto sujeito) quanto para permanecer focados na teoria.

Também refletindo a relação História e Literatura PESAVENTO diz:

Mas o que vemos hoje, nesta contemporaneidade, são historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem não só o uso da literatura como avesso privilegiado ao passado – logo, tomando o não-acontecido para recuperar o que aconteceu! – como colocam em pauta a discussão do próprio caráter da história como

¹⁰ IDEM, p. 17.

*uma forma de literatura, ou seja, como narrativa portadora de ficção!*¹¹

Percebemos então uma mudança na relação estabelecida por alguns historiadores, algumas correntes entre história e literatura.

O que para aqueles que acreditavam na construção da história com base na prova documental estava restringido ao campo da ficção, enquanto invenção, passa a ser agora uma fonte, um meio para se chegar ao passado com também é claro um objeto de estudo.

Há uma mudança então na forma como o historiador enxerga, lida, e se posiciona perante suas fontes, nesse caso a literatura, como também notamos mudanças na forma como ele enxerga o seu ofício.

Sobre isso PESAVENTO diz: *“Na reconfiguração de um tempo – nem passado nem presente, mas tempo histórico reconstruído pela narrativa –, face à impossibilidade de repetir a experiência do vivido, os historiadores elaboram versões. Versões plausíveis, possíveis, aproximadas, daquilo que teria se passado um dia. O historiador atinge, pois a verossimilhança, não a veracidade. Ora, o verossímil não é verdade, mas algo que com ela se aparenta. O verossímil é o provável, o que poderia ter sido e que é tomado como tal. Passível de aceitação, portanto. Registramos, com isso, a mudança deliberada do tempo verbal: poderia, o teria sido, com o que a narrativa histórica, representação do passado, se aproximaria, perigosamente, da definição aristotélica da poesia, pertencente ao campo da ficção. Ou seja, as versões do acontecido são, de forma incontornável, um poderia ter sido. A representação do passado feita pelo historiador seria marcada por esta preocupação ou meta:*

¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates, 2006, p.3. Endereço: <http://neuvomundo.revues.org/1560>. Acesso: 05/06/2012.

a da vontade de chegar lá e não da certeza de oferecer a resposta certa e única para o enigma do passado.”¹²

O historiador, ao contrário do que se acreditava há tempos e que também colocava como meta, não atinge o passado em sua totalidade, o real enquanto verdade universal, mas sim produz (ou elabora) versões de algo ocorrido, ele interpreta.

Com sua “aproximação” da ficção e da história não podemos nos confundir e passar a acreditar que nós historiadores podemos trabalhar com “versões imaginárias do real” ¹³ para preencher eventuais lacunas. Nós possuímos alguns compromissos e caminhos que devemos percorrer, estamos intimamente ligados às fontes (dando-lhes significado), fontes essas que não são o passado, o fato ocorrido, mas que nos permite chegar até ele.

Assim utilizamos a literatura, para nós historiadores ela já não está mais somente relegada ao campo da diversão e da invenção, ela é fonte.

Ela passa a ser fonte, objeto de pesquisa, pois a forma como interagimos e nos posicionamos perante ela mudou, fazendo perguntas e anunciando problemas.

1.2.1- Apresentação da Editora

O livro que analisamos E agora, mãe?, foi publicado pela editora Moderna, bastante conhecida no mercado pelos livros didáticos que publicam que são amplamente utilizados tanto no mercado público quanto no privado.

Foi fundada em 1968 e hoje pertence ao Grupo Santilhana, espanhol, que entrou no mercado editorial brasileiro a partir da década de 1990¹⁴.

Esta editora publica obras de alguma forma voltadas para a educação como já mencionados livros didáticos “material de apoio e obras de literatura, além da formação

¹² IDEM, p. 4

¹³ IDEM, p. 4

¹⁴ CASSIANO, Célia C.F.. O mercado do livro didático no Brasil: da criação do programa Nacional do livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007). Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2007, Capítulo V, Parte II: Mercado latino-americano de livros didáticos: um grande filão.

de professores, sempre com o compromisso de trabalhar pela melhoria da educação brasileira.”¹⁵

Percebemos claramente então que possui como público alvo os professores (a escola) e também o Estado que compra e fornece esses livros às escolas públicas.

É importante destacarmos mesmo que os livros de escritores de literatura infanto-juvenil durante muito tempo não apareceram em listas de mais vendidos eles há algum tempo possuem uma boa tiragem já há alguns anos conforme esta passagem:

*Longe da badalação, esses autores têm livros com tiragem inicial de 40.000 exemplares, quando o usual é 3000. Essa impressionante performance é dos escritores de livros infanto-juvenis, que devem seu sucesso ao fato de serem adotados maciçamente nas escolas de todo o país. Juntos, eles formam um dos segmentos mais saudáveis do mercado literário brasileiro.*¹⁶

Mesmo não aparecendo entre os principais livros indicados para leitura é inegável a força que esse ramo editorial possui, principalmente quando levamos em consideração que a maior parte dos livros vendidos por essas editoras, principalmente os didáticos, são para o governo federal pela existência de planos como os do PNLD e pelo apoio de fundos como os do Banco Mundial¹⁷.

“Mas a FAE também faz concorrência entre as editoras para a compra de livros infanto-juvenis, que depois são enviados para as bibliotecas escolares de todo o país, o que assegura a vazão de boa parte das tiragens desse setor.”¹⁸.

A FAE (Fundação de Assistência ao Estudante), criada no ano de 1985 e extinta em 1997, dando lugar a FNDE (Fundo Nacional do Desenvolvimento da

¹⁵ Editora Moderna. Acesso em: 15/06/2012. Endereço: <http://www.moderna.com.br/institucional-2/editora-moderna>

¹⁶ Revista Veja, 21/02/1996. Acesso: 12/11/2013. Endereço: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

¹⁷ CASSIANO, Célia C.F.. O mercado do livro didático no Brasil: da criação do programa Nacional do livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007). Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2007, Capítulo V, Parte II: Mercado latino-americano de livros didáticos: um grande filão.

¹⁸ Revista Veja, 21/02/1996. Acesso: 12/11/2013. Endereço: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

Educação), tinha como objetivo controlar a parte financeira dos recursos para os livros didáticos que eram escolhidos pelos professores que posteriormente seriam distribuídos nas escolas públicas¹⁹.

¹⁹ Histórico FNDE. Acesso em: 22/11/2013. Endereço: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>

1.3 Considerações sobre a construção da noção de adolescência

Este trabalho pretende analisar a obra *E agora, mãe?*, de Isabel Vieira, que aborda a questão da gravidez prematura, ou seja, na adolescência. Para que seja possível realizá-lo é imprescindível, de maneira breve, apresentar o que a nossa sociedade entende como sendo esta fase da vida.

Tomemos como ponto de partida o que GROSSMAN²⁰ nos apresenta em seu texto:

O fenômeno da puberdade é, provavelmente, tão antigo quanto o aparecimento do homem sobre a terra. O significado da adolescência e a relevância dada a esse estágio da vida humana não poderiam ser encarados da mesma forma. Em linhas gerais, parece que a ideia do que hoje chamamos adolescência, é pressentida a partir do século XVIII²¹

Ao lidar com um conceito, uma palavra tão comum em nossa sociedade, podemos chegar ao ponto, por algum motivo, de lidarmos com ele como algo natural e puro e simplesmente biológico e não que possui uma construção sociocultural.

Focado nesta perspectiva da construção do conceito de adolescência enquanto algo variável, ou seja, que diferentes culturas a idealizam e a organizam de maneiras diferentes encontramos referências desta fase da vida, a que nos referimos, como o texto de FARIA e LEÃO:

²⁰ Eloisa Grossman: Médica Pediatra, Mestre em saúde da Criança e Doutora em Saúde da Criança e da Mulher pela Fundação Oswaldo Cruz.

²¹ GROSSMAN, Eloisa. Adolescência através da adolescência. Acesso em: 16/11/2013 Endereço: <http://ral-adolesc.bvs.br/pdf/ral/v1n2/p03v01n2.pdf>

O texto de Pámpols (2004) traça uma perspectiva que vai desde as sociedades primitivas até a era da informação. Pámpols (2004) inicia com as sociedades de caça e coleta. Nelas não existiam hierarquizações entre adultos e crianças já participavam das decisões da comunidade. O fim da infância acontecia quando ocorria o processo de maturação sexual, quando o corpo físico preparado para a reprodução. As sociedades horticuloras, com a agricultura, a organização do trabalho e a produção de excedentes, foram aparecendo as primeiras manifestações de hierarquização social, que culmina na divisão desigual de poder entre as idades. Os ritos de iniciação tribal são celebrados entre nove e 14 anos.²²

Partindo deste trecho percebemos que durante muito tempo essa noção coletiva presente em nossa sociedade ocidental, de adolescência enquanto um período longo de nossas vidas não existia, separando a fase da infância da adulta, mas sim ritos de passagem que proporcionavam uma passagem direta da criança para a vida adulta.

Continuando sobre este assunto a autora diz:

Muuss (1966) também aborda essa questão, dizendo que o prolongado período da adolescência nas sociedades ocidentais é uma invenção social. Os rituais de iniciação das sociedades primitivas, que configuram a transição da infância para a vida adulta, aconteciam em um período curto de tempo. Havia transposição das fases de firma menos traumática, em relação à sociedade ocidental o momento em

²² FARIA, Simone Menezes de; LEÃO, Inara Barbosa. Adolescência: um conceito de estágio de desenvolvimento psicossocial definido historicamente, página 7. Acesso: 13/11/2013, Endereço: <http://www.simpósioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/EP04.pdf>

*que acontecem as transições não está necessariamente vinculado à maturação biológica.*²³

Apresentado a forma como a sociedade medieval se comportava sobre esta relação para a chegada para a vida adulta, GROSSMAN cita:

*Na sociedade medieval, o sentimento da infância não existia. Não havia a consciência da particularidade infantil, isto é, isto é a distinção entre criança e adulto. A ideia de infância estava ligada à ideia de dependência e a saída desta, para o ingresso pleno no mundo dos adultos, ocorria quando a criança tinha condições de viver sem a solicitude constate de sua mãe ou ama. Neste momento, ela ingressava na sociedade dos adultos, sem se distinguir mais deles. Essa indeterminação da idade se estendia a todas as atividades sociais, aos jogos e brincadeiras, às profissões e às armas.*²⁴

Para que os filhos chegassem à vida adulta era necessário que conseguissem não mais serem dependentes de seus pais essa dependência não estava ligada necessariamente à questão econômica, e essa transição da vida do que hoje entendemos por criança à vida adulta logo era superada e a infância logo esquecida.

Querendo circunscrever a adolescência o tempo, como idade da vida, chegasse facilmente a um consenso no que

²³ IDEM, p.7

²⁴ GROSSMAN, Eloisa. Adolescência através da adolescência. Acesso em: 16/11/2013 Endereço: <http://ral-adolesc.bvs.br/pdf/ral/v1n2/p03v01n2.pdf>

*concerne ao seu começo. Ele é decidido pela puberdade, ou seja, pelo amadurecimento dos órgãos sexuais.*²⁵

Mesmo tomando como perspectiva a noção de que este conceito de adolescência é uma construção sociocultural, que possui historicidade e que ao longo dos tempos sofreu e sofre mudanças, muitos pesquisadores da área da psicologia, um dos campos que estudam com mais frequência esta fase da vida que discutimos, procuram marcas na que demonstrem a entrada neste período. Marca esta chamada puberdade²⁶, em que o corpo da criança começa a apresentar mudanças de maturação dos órgãos sexuais, ela acabou de m passo para a vida adulta.

Em nossa sociedade a certeza da chegada da adolescência possui marcas biológicas visíveis,

*Como ninguém sabe direito o que é um homem ou uma mulher, ninguém sabe também o que é preciso para que um adolescente se torne um adulto. O critério simples da maturação é descartado. Falta uma lista estabelecida de provas rituais.*²⁷

Sabemos então identificar o início da adolescência a partir das marcas biológicas fornecidas pelo corpo humano com as mudanças hormonais, que durante muito tempo acreditou-se ser a causa das crises, ou melhor, dificuldades vividas pelos que passavam por esse período. Mas nos deparamos com outro problema a incerteza/a obscuridade de saber quando este período termina, nossa sociedade não possui mais ritos de passagem

²⁵ CALLIGARIS, Contardo. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000, 1ª ed, p. 19

²⁶ Dicionário Aurélio – online. Puberdade: s.f. Período da vida em que se inicia a atividade das glândulas reprodutoras e se manifestam certos caracteres sexuais secundários (no homem: pilosidade, mudança da voz; na mulher: desenvolvimento dos seios, menstruação). Acesso em: 16/11/2013 Endereço: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Puberdade.html>

²⁷ CALLIGARIS, Contardo. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000, 1ª edição, p.21

que deixam de maneira clara que já não são mais adolescentes e sim os tão almejados adultos.

Este período transitório não possui marcas biológicas claras para nos dizer que chegou ao fim.

Não podemos perder de vista, no entanto, que até mesmo as mudanças ou marcas corporais sofridas pelo e no corpo humano ganham significados diferentes ao longo do tempo, sobre isso BOCK reflete:

Há muitas outras características que constituem a adolescência; além disso, as marcas corporais são significadas socialmente, não sendo tomadas no conceito de adolescência em si, como características do corpo e, portanto, naturais. Exemplo disto são os seios na menina e a força muscular nos meninos. Sabemos que os seios e o desenvolvimento da massa muscular acontecem na mesma fase da adolescência. Mas, a menina que tem seus seios se desenvolvendo não os vê, sente e significa como possibilidade de amamentar seus filhos no futuro, o que seria vê-los como naturais. Com certeza, em algum tempo ou cultura, isso já foi assim. Hoje, os seios tornam as meninas sedutoras e sensuais. Esse é o significado atribuído atualmente. A força muscular dos meninos já foi significada como possibilidade de trabalhar, guerrear e caçar. Hoje é beleza, sensualidade e masculinidade.²⁸

²⁸ BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 11, n. 1, June 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Feb. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>.

Da mesma forma então que a noção de adolescência não é algo natural, a maneira como nossa sociedade confere significados ao corpo também não o é, esses conceitos estão, então, dentro de um contexto de uma sociedade.

1.4 - Apresentação breve dos personagens

Resumo Oficial do livro:

Um romance delicado, verdadeiro, sobre a condição de meninas que saltam sem transição da infância para a vida adulta por causa de uma gravidez indesejada.

*Jana nasceu para ser bailarina, para o sucesso, para os aplausos. Mas a vida se incumbiu de mudar completamente seu futuro. Um namoro, um imprevisto, uma gravidez... Agora, Jana precisa enfrentar preconceitos e ter muita garra para construir uma nova vida, ser alguém, apesar de tudo...*²⁹

É interessante observar como esse resumo possui um tom sugestivo o que diz respeito aos problemas que uma gravidez na adolescência pode causar a vida de uma menina, principalmente se levarmos em consideração que esta obra é indicado para um público com idade a partir dos 13 anos³⁰.

Tem-se a impressão de possuir um caráter, talvez, pedagógico, que podemos também em algum nível estender para o livro, dependendo da leitura que se faz da obra e de como ele será trabalhado em sala de aula, por exemplo. Tal característica possa ser interessante para auxiliar na formação do público alvo desse livro, moldando e disciplinando-os de acordo com os valores morais da nossa sociedade.

²⁹ Vieira, Isabel. E agora, mãe?. São Paulo: Editora Moderna, 2003, 2ª edição.

³⁰ Editora Moderna. Acesso: 15/06/2012. Endereço:

<http://www.modernaliteratura.com.br/main.jsp?lumPagId=4028818B30410B7A01304BB1FE4E5C7C&itemId=8A8A8A833F1B00E6013F2F6866061454>

É possível perceber ao longo do enredo do livro algumas questões relativas à temática proposta neste trabalho sobre a vivência da sexualidade feminina na adolescência ao longo do livro e não somente no resumo.

Para que seja possível iniciar a análise do livro apresento então de forma sucinta os principais personagens desta trama.

Jana uma adolescente de 14 anos, prestes a fazer 15, sonha em ser bailarina clássica profissional, e quem sabe ser a primeira bailarina do Teatro Municipal de São Paulo, mas esse sonho tão almejado é interrompido ao descobrir uma gravidez não planejada.

Após essa descoberta, a vida da personagem principal dessa história muda radicalmente, as amizades, seu relacionamento com os pais, com as amigas, com o namorado, os sonhos, tudo é modificado.

Os pais de Jana, Laís e Júlio, após receber a notícia da gravidez da única filha não têm uma boa reação.

Laís, dona de casa, teve uma reação mais explosiva, externando seus sentimentos conversando com a empregada e antiga babá da filha, Lurdes, chegando também a discutir com filha.

Júlio, gerente de banco, ao contrário da esposa, não demonstrou o que estava sentindo através das palavras, seja brigado ou conversando com a filha, mas ao contrário se afastou da filha, não conversava e não ficava no mesmo ambiente que ela.

Ivan no começo da obra aparece como namorado e pai da filha de Jana. Antes de começarem a namorar eles já se conheciam há algum tempo, pois Jana estudava com o irmão mais novo de Ivan, João, e chegou a ir à casa dos dois. Ao saber da gravidez da namorada não reagiu bem à notícia: “- Sua primeira reação foi de incredulidade e espanto; depois raiva.”³¹.

Logo após recebê-la e conversar com a então namorada, decidem casar-se e tentar conversar os pais de ambos a ajudá-los no que fosse preciso.

³¹ Vieira, Isabel. E agora, mãe?. São Paulo: Editora Moderna, 2003, 2ª edição, p. 29.

No dia seguinte após já ter contado aos pais sobre a gravidez, ao escutar a discussão dos pais sobre ela, Jana interrompe e diz que o namorado e ela irão se casar. Neste momento Júlio, dá a notícia de que não haverá casamento, pois Ivan irá para os Estados Unidos, morar com uma tia.

A partir daí Ivan, praticamente desaparece do enredo, sua total e de seus pais é notória. O único dessa família que mantém algum contato com Jana é João e isso se dá após o nascimento de Gabriela, sobrinha dele.

Lígia, irmã de Laís e tia de Jana, mora sozinha em São Paulo na capital e é formada em Ciências Políticas. Possui um papel importante na vida da sobrinha, a apoiando quando necessário e abrindo as portas do apartamento para Jana morar junto com a filha logo após a sobrinha resolver se mudar da casa dos pais e ir para São Paulo.

Outra personagem que possui alguma importância na trama é Talita, a única amiga do tempo de escola e do balé que manteve contato com Jana durante e após a gravidez.

Capítulo 2 - Análise da obra: os desdobramentos da gravidez de Jana

Tratar o tema da adolescência, por si só, é uma árdua tarefa frente ao que já foi aqui explicitado e, tratar a questão da sexualidade na adolescência é outra tarefa que, em tempos atuais, exige do pesquisador ainda mais cuidado uma vez que esta questão envolve, para muitos, questões morais, religiosas e até mesmo de saúde pública.

Buscando compreender e discutir esta temática, busco analisar a obra “*E agora, mãe?*” uma vez que é um livro presente e lido nas escolas pelos adolescentes.

2.1 A personagem Jana e os problemas enfrentados por ela perante a gravidez

De acordo com algumas normas presentes em nossa sociedade sobre o comportamento feminino é interessante e importante observarmos que se espera da Jana um comportamento mais recatado, disciplinado com suas atitudes e também com o corpo final ela é uma bailarina clássica, precisa ter controle³² do seu corpo.

No começo, Ivan ficara fascinado por ter uma namorada bailarina. A leveza dos gestos e o encanto da postura, adquiridos ao longo de dez anos de dura disciplina, faziam Jana ondular acima das outras garotas da cidade como uma pequena sílfide. Mesmo metidos velhos jeans e camisetas, ou quando vestia o insignificante abrigo azul-marinho das aulas de educação física, ela era a mais

³² SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo?. In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). *Corpo e História*. São Paulo: Autores Associados, 3ª edição, 2006.

*graciosa de todas. Seu corpo se habituara de tal modo às posturas do bale que não sabia mover-se em outro ritmo.*³³

Deparamo-nos com uma ambiguidade, ao mesmo tempo em que o corpo jovem de uma adolescente é desejado, pois afinal, neste caso, foi moldado por uma atividade física específica, já começou a passar pela puberdade, deve ser preparado para ser desejável no futuro, enquanto adulta, quanto deve ser disciplinado, controlado tanto pela atividade, o ballet, quanto pelas ações perante outros corpos seja eles do sexo oposto ou não.

A autora Guacira L. Louro reflete sobre sua experiência quando jovem:

*Como jovem mulher, eu sabia que a sexualidade era um assunto privado, alguma coisa da qual deveria falar apenas com alguém muito íntimo e, preferencialmente, de forma reservada. A sexualidade - o sexo, como se dizia - parecia não ter nenhuma dimensão social; era um assunto pessoal e particular que, eventualmente, se confidenciava a uma amiga próxima. Viver plenamente a sexualidade era, em princípio, uma prerrogativa da vida adulta, a ser partilhada com um parceiro do sexo oposto.*³⁴

Com a chegada da gravidez Jana não pode mais passar pela adolescência, momento no qual, para a modernidade, seria de preparação para a vida adulta, em que necessitariam ser protegidos dos perigos pelos adultos, estendendo-se essa tarefa para a escola³⁵.

³³ Vieira, Isabel. E agora, mãe?. São Paulo: Editora Moderna, 2003, 2ª edição, p. 9.

³⁴ LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopez. O Corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 9.

³⁵ GROSSMAN, Eloisa. Adolescência através da adolescência. Acesso em: 16/11/2013 Endereço: <http://ral-adolesc.bvs.br/pdf/ral/v1n2/p03v01n2.pdf>

Quais perigos seriam esses? Podemos pressupor que sejam as responsabilidades da vida adulta (quem sabe prazeres?), o trabalho, a constituição de uma família, a independência seja financeira ou emocional dos pais ou responsáveis, a iniciação sexual.

A vigilância constante dos adultos em relação às crianças e aos adolescentes passa a ser necessária. Esse comportamento da sociedade fica claro a partir do século XVIII, no ocidente, em que cabia ao Estado e a Igreja também a disciplina e da proteção de hábitos culturais passados que já não mais bem vistos nessa sociedade burguesa, cristã³⁶.

Nesse livro a gravidez tem uma conotação mais negativa, como algo que pode desfazer os sonhos para a vida adulta, lembrando que a personagem do livro que passa por tal situação é uma garota branca, cristã (pois vai à missa com a mãe), de classe média.

Mas nem sempre é assim, para algumas meninas a gravidez representa um lugar social, elas passam a existir a partir do momento em que ficam grávidas, principalmente aquelas pertencentes às classes sócias mais baixas, conforme nos mostra CATHARINO e

GIFFIN:

Considerando a tradição, segundo a qual o trabalho doméstico impõe-se, ainda hoje, como uma espécie de “destino” feminino – principalmente nas classes populares (sobre este tema ver Stolcke, 1980); considerando a precariedade de oportunidades ocupacionais, que mantém excluídos do mundo do trabalho, contingentes cada vez mais expressivos – homens e mulheres, gerando um fenômeno denominado por Robert Castel (1998) de “supranumerários”; podemos entender a gravidez na vida da menina adolescente, como um substituto do trabalho (que, por sua vez, segundo Gomes, substituiria, nesta faixa etária, a

³⁶ ARIÈS, Philippe. História Social da criança e da Família. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981, 1ª edição.

escolarização)? Ou seja, não estaria a ocorrência da gravidez na adolescência se impondo – face à ausência de sentido que tem para suas vidas a educação escolar – como uma forma de achar um lugar social? Não estaria ela funcionando como uma referência – num cenário onde vigora uma quase total ausência de referências – na qual possa ser ancorada a construção da sua identidade?³⁷

Por um momento Jana também passa por essa situação em que os planos de vida mudam perante essa nova posição em que se encontra, e passa junto com o namorado a pensar em casamento e constituir uma nova família ao invés do aborto:

– Tirar? – Ivan cortou seu pensamento. – De jeito nenhum. Nós vamos casar.

Jana Boquiaberta, as lágrimas escorrendo, dividida entre o espanto, o medo, a esperança e a alegria.

(...)

Jana olhava-o pensativa, visualizando uma casinha com jardim na frente, onde seriam muito felizes. A imagem teve o poder de fazer as lágrimas secarem de vez.³⁸

Apesar de terem preocupações acerca do sustento dessa nova família que estavam formando, se contariam ou não com a ajuda financeira dos pais, eles passaram a procurar um novo papel e lugar social para exercerem.

³⁷ CATHARINO, Tânia Ribeiro; GIFFIN, Karen. Gravidez na adolescência – investigação de um problema moderno. Acesso em: 16/11/2013 Endereço:

http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_ST7_Catharino_texto.pdf

³⁸ Vieira, Isabel. E agora, mãe?. São Paulo: Editora Moderna, 2003, 2ª edição, p. 33-34.

Em pouco tempo esses planos que Jana começava idealizar são desmanchados ao se deparar com a notícia que recebe do pai logo após dizer que ela e o namorado pretendiam se casar: “– Não vai haver casamento, Jana. O Ivan vai para os Estados Unidos, Morar com a tia. – O tom, que pretendia ser enraivecido, acabou saído mortificado.”³⁹

O que diz respeito ao comportamento do Ivan, agora, ex-namorado de Jana a autora do livro escreve mais adiante (após a cidade inteira já saber da gravidez da personagem principal): “– A única coisa que não se viu, na vasta extensão de rio Largo, foi alguma alma levantando a hipótese de que também Ivan devesse saber algo sobre os dias férteis da namorada.”⁴⁰

O fato de Ivan ter abandonado a namorada grávida é algo a ser destacado e também por ter optado por não exercer sua paternidade juntamente com sua família (exceto seu irmão mais novo, João, que mantém contato esporádico com Jana e a sobrinha Gabriela). Mas essa falta de uma relação próxima dele com a filha e a ex-namorada não chama, no momento, tanta atenção quanto o fato de nenhum personagem ter questionado o comportamento dele perante toda a situação.

Nesta obra o desvio da norma cometido por Jana ao não se proteger adequadamente e por não ter resistido aos avanços do namorado (ou quem sabe até mesmo provocado) são muito mais questionados pelos outros personagens do que a participação da Ivan, em nenhum momento a responsabilidade dele perante a gravidez foi questionada.

A ausência dele na vida da filha não é vista como problema para os outros personagens da obra. Refletindo sobre a participação dos homens na vida das crianças utilizando como exemplo as profissões nas quais eles atuam, ABREU e ANDRADE dizem:

Assim, ao tratar, por exemplo, da inserção de homens num campo profissional em que as mulheres representam a grande maioria, a ausência dos homens deve ser vista como tão importante quanto a presença maciça das mulheres,

³⁹ IDEM, p. 43

⁴⁰ IDEM, p. 57

pois o gênero não se constitui pela presença física, mas, muito mais pelas relações simbólicas entre os sexos (ASSUÇÃO, 1996). A ausência dos homens no trabalho docente com as crianças é uma demonstração disso, pois, além de está⁴¹ diretamente e fisicamente relacionada à presença das mulheres, é consequência de significados, representações, valores etc., relacionais e relacionados entre e intra os gêneros (V.ABREU, 2003). Um fenômeno é consequência do outro e assim, um se constrói nas relações com o outro, o que os torna produto de uma cultura de gênero que revela na presença ou na ausência a imagem de suas concepções, dos seus conceitos, de suas representações, enfim, do modo de ser do gênero masculino e do gênero feminino.⁴²

Percebemos então que a ausência do homem na vida das crianças de certa forma é aceita em nossa sociedade por estar de alguma forma relacionada com o papel do homem, enquanto construção cultural, em nossa sociedade.

⁴¹ Palavra escrita desta forma no texto, grifo meu.

⁴² ABREU, Jânio Jorge Vieira de, ANDRADE, Thamyres Ramos de. A compreensão do conceito e categoria gênero e sua contribuição para as relações de gênero na escola. Acesso: 10/11/2013 Endereço: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.10/GT_10_01_2010.pdf

2.2 Perspectiva da família: reação dos pais

No capítulo dois, intitulado Pressentimento, nos deparamos com Jana sentindo alguns sintomas bem conhecidos da gravidez como o enjoo e a falta de vontade de se alimentar no período da manhã e já com fortes suspeitas de estar grávida.

Uma cena interessante ocorre depois desse momento na qual que Jana desce para tomar café da manhã, mas seu pai não presta atenção às condições físicas da filha que estava abatida e com olheiras, pois estava com sua atenção voltada para o jornal que estava lendo já a mãe mais observadora estranha o comportamento da filha nos últimos tempos.⁴³

Esta cena evidência o ambiente em que Jana foi criada, em que os pais possuem claramente papéis sociais e de gênero bem definidos, a mulher que cuida da casa e dos filhos e o homem que os sustenta.

Esses comportamentos dos pais é algo inquietante, pois passa a impressão e reafirma, de algum modo, esse padrão na criação dos filhos, como se o homem não precisasse participar desse momento, se abstendo de toda a responsabilidade em relação aos filhos. Pensando desse modo não é de se estranhar que a ausência do ex-namorado de Jana, Ivan, na vida da filha não seja tão questionada pelos outros personagens ao longo do livro.

Sobre os cuidados com as crianças AZEVEDO e ARRAIS dizem: “É a ideia de que a maternidade é parte inerente ao ciclo evolutivo vital feminino. Neste sentido, supõe-se que a mulher, por ser quem gera os filhos, desenvolve um amor inato pelas crianças e fica sedo a pessoa melhor capacitada para cuidar delas.”⁴⁴. Assim os cuidados, a criação em relação à Jana estava à cago da mãe Laís.

⁴³ Vieira, Isabel. E agora, mãe?. São Paulo: Editora Moderna, 2003, 2ª edição, p. 18

⁴⁴ AZEVEDO, Kátia Rosa e ARRAIS, Alessandra da Rocha. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2006, vol.19, n.2, pp. 269-276. ISSN 0102-7972. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000200013>.

A descoberta por parte dos pais de Jana da gravidez é elaborada de forma dramática⁴⁵ e que nos mostra mais uma vez quais são os papéis que cada um possui não só perante a filha, mas enquanto homem e mulher: “– A culpada é você, sempre acobertando essa menina – acusava Júlio.

– E você, que é o pai, onde estava esse tempo todo? – Láís chorava, sentada na borda da cama”.⁴⁶

Chega a se desconcertante “observar” esta cena, as acusações de que alguém deixou de cumprir seu papel social na criação da filha.

Ao acabar de descobrir sobre a gravidez a mãe de Jana possui uma reação muito mais explosiva que o pai ao falarem com a filha, sobre esse tipo de reação masculina, esperada quase que em qualquer circunstância, LOURO reflete:

O homem de “verdade”, nesse caso, deveria ser ponderado, provavelmente contido na expressão de seus sentimentos. Consequentemente, podemos supor que a expressão de emoções e o arrebatamento seriam considerados, em contraponto, características femininas⁴⁷.

Notemos então, que não somente a mulher precisa ter um controle do seu corpo e de suas atitudes, mas também o homem, pois não era e acredito que posso dizer que ainda não é visto como uma característica dos homens a livre expressão de seus sentimentos, como no caso aqui abordado.

Para nossa sociedade cheia de valores moralizantes e religiosos a gravidez perfeita seria aquela em que contasse com os dois parceiros, do sexo oposto, já adultos e independentes, tanto econômica quanto emocionalmente de seus pais ou dos responsáveis, ou seja, com plena possibilidade de cuidar da criança.

⁴⁵ IDEM, Capítulo 4 – Também Acontece Comigo

⁴⁶ IDEM, p. 43

⁴⁷ LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopez. O Corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 22.

Jana não se encaixa em nenhuma dessas características, não é adulta, não conta com seu parceiro, que a abandonou, não é independente; com isso passa por situações constrangedoras na nova escola em que estuda, com alguns rapazes, e é então avisada pelas novas colegas de escola:

– Não dá bola pra nenhum deles, Jana. Apostaram quem vai conseguir você primeiro. Só por causa da Gabi pensam que você é fácil.

Na segunda vez, um incipiente namoro com Mauro, um garoto do terceiro colegial, foi cortado mesmo antes que começasse, depois que soube de um comentário da mãe dele:

– Com tanta menina na cidade, você vai querer logo essa, que já foi de outro?⁴⁸

Percebemos então que em vários momentos nos deparamos com as normas de nossa sociedade que nos são expostas e impostas, a todo instante aquilo que é considerado normal nos é apresentado mostrando os desvios que cometemos, no caso da Jana ela cometeu o engano de ter relações sexuais e ter ficado grávida, ou seja, não foi disciplinada, não soube controlar o corpo.

No primeiro capítulo, A Cigana, quando ainda existia a possibilidade da personagem principal ser bailarina, exercer seu papel social de adolescente, nos deparamos com uma passagem em que seu pai, nos apresenta seu descontentamento com o talento da filha para o balé e com o que ele esperava da vida para ela: “Júlio Cardoso tinha outros sonhos para sua filha única, sonhos comuns, como os de qualquer pai: uma profissão menos original e mais rentável e um marido trabalhador e de boa família que, em última instância, arcaria com as responsabilidades do lar.”⁴⁹.

Observamos mais uma vez nesta passagem quais são os papéis da do é ser homem e do que é ser mulher (adultos) diante da ótica de Júlio, que acredito não ser exagero afirmar que é a visão de muitas pessoas em nossa sociedade. Além de não viver sua adolescência, de maneira comum, como qualquer outra, Jana adianta o papel do ser

⁴⁸ Vieira, Isabel. E agora, mãe?. São Paulo: Editora Moderna, 2003, 2ª edição, p. 88-89.

⁴⁹ IDEM, p.12.

mulher, mas de forma incompleta segundo a visão do pai, não se casou, teve uma gravidez precoce, não terminou a escola e nem possui uma profissão.

É possível refletirmos também que ao saberem da gravidez da filha, tanto Júlio quanto Laís, parte do motivo de terem as reações que tiveram se deu pelo fato de se depararem com a notícia explícita de que a filha já não era mais inocente, no sentido em que já tinha tido contato com sua sexualidade, como diz BRANDÃO sobre a revelação da gravidez: “a gravidez torna público o exercício sexual dos filhos. Conforme a posição parental em relação à sexualidade juvenil, essa pode ser problemática.”⁵⁰, como de fato para a família de Jana foi.

Pensando sobre estes papéis sociais de gênero, DESSER diz:

O conceito tradicional de “natureza feminina”, cativo do reducionismo biológico, define a mulher como totalmente sobredeterminada por sua anátoma-fisiologia. A mulher é definida pela capacidade de reproduzir a vida e por presa constante de “humores” que lhe determinam temperamento inconstante. A determinação sexista reservaria ao homem a racionalidade, à mulher a emotividade; ao homem a agressividade, à mulher a passividade; ao homem o mundo, à mulher a intimidade do lar.⁵¹

⁵⁰ BRANDÃO, Elaine Reis. Revelação da gravidez na adolescência em famílias de camadas médias: tensões e dilemas. In: HEILBORN, Maria Luiza; DUARTE, Luiz Fernando Dias; PEIXOTO, Clarice; BARROS, Myrian L. (orgs.). Sexualidade, família e ethos religioso. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 113.

⁵¹ DESSER, Nanete Ávila. Adolescência: sexualidade e culpa. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: EDUNB, 1993, 1ª edição, p. 41

2.3 Repercussão da gravidez no convívio social de Jana

A notícia da gravidez de Jana teve um grande impacto não só o seu convívio com os pais dela e no afastamento da família do ex-namorado, como também influenciou nas dinâmicas das relações dela com as amigas.

Em um determinado momento do livro Jana enfrenta a o preconceito por não ter controlado o seu corpo, ainda quando estava grávida. Após muita dificuldade para entrar em algum o grupo para um trabalho de escola, Jana vai para a casa da amiga Talita para estudar e em um determinado momento é chamada de lado pela mãe da amiga, para conversar que diz:

– Sabe o que é Jana? Não me leve a mal, por favor – ela gaguejava. – Eu não disse nada para minha filha porque ela gosta muito de você...E eu também – completou. – Foi uma fatalidade, e sinto até muita pena dos seus pais... – Fez uma pausa, procurando as palavras. – Mas os pais das outras – apontou na direção da sala - ... Sabe como é, pensam de outro jeito. Se souberem que você está aqui com elas, vão me cobrar. Talvez nem deixem mais a Talita ir à casa deles...⁵²

Após esse episódio Jana deixa de vez a escola, faltando poucos meses para a conclusão do ao letivo (saiu em novembro), diante de todas as dificuldades enfrentadas por ela no âmbito escolar em que não se relacionava mais com os colegas de escola e os antigos amigos, já não era mais chamada para sair, enfrentou também logo após a descoberta da gravidez por todos de seu círculo de amigos e claro pelos pais deles, um abaixo-assinado feito pelos pais dos alunos para que ela fosse expulsa da escola, que era religiosa e provavelmente católica. Esse pedido de expulsão não foi acatado pela escola.

Nos capítulos finais do livro Jana passa por diversas mudanças em sua vida, decide se mudar para São Paulo para morar com a tia Lígia e acaba passando por

⁵² Vieira, Isabel. E agora, mãe?. São Paulo: Editora Moderna, 2003, 2ª edição, p. 61

diversos problemas por com a filha por morarem agora e um apartamento ao invés de uma casa, como em Rio Largo, além do incomodo que sente estar causado à tia por interferir e sua rotina, quando, por exemplo, passam por problemas para conseguir manter uma empregada trabalhando para elas, pois elas não aceitavam cuidar de uma casa que houvesse crianças.

Nesse momento da mudança para São Paulo com a filha sentimos que de fato Jana experimenta o exerce a maternidade enquanto adolescente (agora aos 18 anos) e mãe solteira, pois ali não contava com o apoio da mãe e nem da antiga babá, ou seja, além de ir à escola, dar aulas de inglês, tentar manter a filha sob controle na casa de maneira a não mexer nas coisas da tia, levar a filha para escola e todos os exercícios da escola e preparar as aulas que ministrava ainda tinha os imprevistos do dia-a-dia com greve de motoristas de ônibus que fazia com que não houvesse aulas, epidemia de piolhos na creche de Gabriela, que a fazia ficar em casa e perder aula.

Pela primeira vez ela sentiu o peso de ter que cuidar de tudo sozinha, mesmo contando com alguma ajuda financeira dos pais.

No começo do livro quando da descoberta da gravidez, Jana junto com Ivan, por alguns momentos planejaram se casar o que dava a impressão de que com o casamento tudo se resolveria. Ali citam como exemplo um casal em que a moça era prima se sua amiga Talita, que estiveram na mesma situação que eles de gravidez precoce. Esse casal mudou-se para São Paulo com o objetivo do marido pudesse fazer faculdade, e para isso os pais ajudavam.

Agora morado e São Paulo, Jana se encontra com a moça, Luciana, dois anos mais velha que ela e já com dois filhos, e se deparou com algumas revelações sobre a vida de casada da nova amiga em uma conversa:

– E você pesa que eu saio? – Luciana respondia, desanimada. – Com estes dois para cuidar e se dinheiro para a empregada” O Ricardo pelo menos vê os amigos, quando vai à faculdade. Eu não. Estou sempre em casa. (...)– Nossa, Lu, sempre pensei que para quem casava era mais fácil. Estou vendo que sua vida não é melhor do que a minha.

*– Melhor? É uma droga, pode crer. Você não sabe a raiva que me dá ver o Ricardo sair jogar bola e eu ficar aqui, mofado. Pesa que ele liga? Parece que fez o favor de casar comigo... Pelo menos é isso que os pais dele acham. Vivem me jogando na cara que, por causa desse casamento, o filhinho deles não vai poder fazer estágio nos Estados Unidos.*⁵³

Percebemos então que o fato de casarem não garante ao casal adolescente grávido a certeza de que todos ou uma parte considerável dos problemas serão resolvidos, com a constituição dessa nova família. Muita decepção pode envolver essa ação em decorrência das expectativas não alcançadas pelo novo casal, como a dependência financeira dos pais, a falta da maturidade e de intimidade entre eles, além “da ausência de autonomia econômica e emocional com relação à família de origem.”⁵⁴

Após passar várias dificuldades com a filha e não dar conta de todas as suas responsabilidades em São Paulo, Jana resolve levar a filha para morar com os avós maternos.

Neste momento recebe uma carta de Ivan pedindo para se reaproximar da filha. No primeiro encontro dos dois, Jana se emociona no momento em que Ivan lhe entrega a certidão de nascimento a filha em que consta o nome do pai e agora o nome completo da filha: Gabriela Cardoso Albuquerque. Essa cena faz alusão á outra o começo do livro quando a personagem principal se confronta com a ideia de ter que ela mesma registrar a filha no cartório sem o nome e a presença do pai.

⁵³ IDEM, p. 101-102.

⁵⁴ DESSER, Nanete Ávila. Adolescência: sexualidade e culpa. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: EDUNB, 1993, 1ª edição, p. 131.

Considerações Finais

Este trabalho teve por objetivo a análise da narrativa da obra literária “*E agora, mãe?*”, de Isabel Vieira, partindo de questionamentos e reflexões sobre a vivência da sexualidade feminina na adolescência, observado e identificado no enredo marcas da nossa sociedade sobre o comportamento esperado de uma jovem.

Para alcançar tal objetivo foi utilizado antes de tudo, autores que auxiliaram na reflexão sobre a relação entre história e literatura e a importância desse tipo de documento para a compreensão da sociedade, pois abre várias portas para que façamos questionamentos de aspecto sociocultural. Também fizemos uso dos debates acerca da adolescência e de como é constituída em nossa sociedade tendo em mente que esse conceito têm sentido em nossa sociedade, ou seja, nem sempre o que entende-se por adolescente hoje tenha existido, seja porque sofreu algumas mudanças de significação ou por esta fase da vida nunca ter existido em outros tempos, em outras sociedades.

Antes de ser iniciada a análise do livro, foi feita uma breve apresentação dos principais personagens de modo a contar de forma resumida alguns acontecimentos importantes do livro.

A análise da obra foi realizada com o auxílio de alguns autores que permitiram pensar as questões relacionadas como a sexualidade feminina foi enfrentada o livro pela personagem principal, Jana, e pela sociedade.

Percebe-se então as dificuldades da vivência da sexualidade das jovens, como se não pudessem viver-la plenamente e por escolha, sempre são questionadas e as responsabilidades se acontecer algo não planejado, como a gravidez, recaem muito mais sobre elas ao contrário dos seus parceiros. As possíveis questões morais serão direcionadas de forma mais intensa sobre elas.

Foi possível identificar facilmente, para além da sexualidade entre os gêneros, que os papéis sociais que se espera que mulheres e homens desempenhem em nossa sociedade e de como aparentemente eles não serão “executados” por aqueles que se desviarem de condutas comportamentais esperadas para ambos os sexos.

Dentro das possibilidades oferecidas pela obra *E agora, mãe?*, este trabalho buscou focar em questões que envolvessem a sexualidade na adolescência, principalmente a feminina. Pensando no que poderia ser abordado neste ou em outro trabalho seria o tema da gravidez precoce, acredito que este seja um tema rico e importante para ser estudado tendo em vista não só os aspectos socioculturais, mas também por ter se tornado uma questão de saúde pública.

Outro aspecto do livro pouquíssimo abordado aqui que mereceria não só mais espaço como talvez um trabalho dedicado com foco no tema seria o da paternidade, extrapolando a questão da adolescência, e de como ela é exercida ou não, além da falta (ou não, novamente) de uma figura paterna na vida de uma criança.

Fonte

VIFIRA, Isabel. E agora, mãe?. São Paulo: Editora Moderna, 2003, 2ª edição.

Referências Bibliográficas

ABREU, Jânio Jorge Vieira de, ANDRADE, Thamyres Ramos de. A compreensão do conceito e categoria gênero e sua contribuição para as relações de gênero na escola.

Acesso: 10/11/2013.

Endereço:

http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.10/GT_10_01_2010.pdf

ARIÈS, Philippe. História Social da criança e da Família. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981, 1ª edição.

AZEVEDO, Kátia Rosa; ARRAIS, Alessandra da Rocha. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. Acesso em: 14/11/2013. Endereço:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt&userID=-2

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. Acesso em: 19/11/2013.

Endereço: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07.pdf>

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. Acesso: 10/11/2013. Endereço:

http://www.historia.ufg.br/uploads/114/original_ARTIGO%205_BORGES.pdf?1325259086

BRANDÃO, Elaine Reis. Revelação da gravidez na adolescência em famílias de camadas médias: tensões e dilemas. In: HEILBORN, Maria Luiza; DUARTE, Luiz

2007). Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2007, Capítulo V, Parte II: Mercado latino-americano de livros didáticos: um grande filão.

CATHARINO, Tânia Ribeiro; GIFFIN, Karen. Gravidez na adolescência – investigação de um problema moderno. Acesso em: 16/11/2013 Endereço: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_ST7_Catharino_texto.pdf

DESSER, Nanete Ávila. Adolescência: sexualidade e culpa. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: EDUNB, 1993, 1ª edição.

FARIA, Simone Menezes de; LEÃO, Inara Barbosa. Adolescência: um conceito de estágio de desenvolvimento psicossocial definido historicamente. Acesso: 13/11/2013, Endereço: <http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/EP04.pdf>

GROSSMAN, Eloisa. Adolescência através da adolescência. Acesso em: 16/11/2013 Endereço: <http://ral-adolesc.bvs.br/pdf/ral/v1n2/p03v01n2.pdf>

Histórico FNDE. Acesso em: 22/11/2013. Endereço: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>

IBGE – Estatísticas do Registro Civil. Acesso: 20/11/2013. Endereço: <http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=1&vcodigo=RC64&t=nascidos-vivos-ocorridos-registrados-ano-grupos>

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopez. O Corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Saberes e Sabores ou Conversas sobre História e Literatura. In: História e Perspectiva. Uberlândia: EDUFU, nº 45, jul./dez., 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates, 2006. Acesso: 05/06/2012 Endereço: <http://neuvomundo.revues.org/1560>

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo?. In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). Corpo e História. São Paulo: Autores Associados, 3ª edição, 2006, p. 3-33.

Site Isabel Vieira. Endereço: <http://isabelvieira.com.br/>

Revista Veja, 21/02/1996. Acesso: 12/11/2013. Endereço: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

VIEIRA, Isabel. E agora, mãe?. São Paulo: Editora Moderna, 2003, 2ª edição.